

UMA MUDANÇA POLÍTICA PROFUNDA, ÚNICA MANEIRA DE VENCER A CRISE GLOBAL

por Mário Soares

O fim do ano de 2012 não se apresenta nada bom. Nem na União Europeia nem relativamente a Portugal. A zona euro, deu, recentemente, um pequeno passo em frente, graças à pressão de Mário Draghi - Presidente do Banco Central Europeu - no sentido de encontrar soluções para os Estados vítimas dos mercados usurários europeus, especialmente ajudando os Bancos Nacionais desses Estados. Mas ainda não passou disso. Mesmo para os países que preocupam mais o Banco Central Europeu, como a Espanha e a Itália, que podem contaminar a França, cujos sinais negativos começam a pesar.

A zona euro não conseguiu ainda dar um passo certo para mudar de política. A opinião pública europeia já percebeu que a austeridade só conduz a maiores dificuldades, criando a recessão económica nos Estados que a praticam e fazendo crescer, avassaladoramente, o flagelo do desemprego. Ainda há poucos dias, Jacques Delors, antigo Presidente da Comissão Europeia, lançou mais um alarme nesse sentido. Poucos dirigentes políticos o terão ouvido, infelizmente.

Contudo, os dirigentes institucionais europeus, de agora, que pela sua falta de visão foram os responsáveis pelo alargamento da crise, quando surgiu na Grécia, vinda dos Estados Unidos, não têm coragem de novo para mudar de paradigma - ou seja, de política financeira, económica e social - à semelhança do que têm feito os Estados Unidos, de Barack Obama, cujos resultados positivos estão à vista.

A Chanceler Merkel, responsável principal pela desgraça da Grécia - que não quis ou não soube ajudar a tempo - percebeu, finalmente, o desastre que a queda do euro e a sua eventual saída da União, representavam para o projecto europeu como um todo - e não só para a zona euro - e, à última hora, não deixou cair a Grécia. Mas ficou por aí. A única coisa que lhe interessa é ganhar as próximas eleições legislativas alemãs de Outubro de 2013. Mas, apesar das aparências, não vai ser fácil, porque a continuar com a política de austeridade, há sinais de que a própria Alemanha também vai começar a ser vítima dos mercados, visto que os seus principais compradores europeus (e não só) começaram a retrain-se nas suas compras, justamente por efeito da crise que trouxe a recessão e o desemprego...

A globalização económica desregulada foi vítima da ideologia neo-liberal, para a qual as pessoas não contam e o único valor é o dinheiro. Para vencer o desregulamento tão prejudicial é necessário voltar a uma política de valores, em que as pessoas estejam no centro das preocupações, respeitando o Estado Social, os Direitos Humanos e a dignidade do trabalho; bem como o direito aos cuidados de saúde, tendencialmente gratuitos, e a uma educação a que todos possam ter acesso. Esse sempre foi o projecto europeu, responsável por sete décadas de paz política e social e de solidariedade entre os Estados-membros.

Os dois partidos que mais contribuíram para a formação desse projecto de tão grande originalidade, foram: o Partido Socialista (ou Social-Democrata ou Trabalhista) Europeu e o Partido da Democracia Cristã, fiel à doutrina social da Igreja Católica. Ambos entraram praticamente em colapso em virtude da ideologia neo-liberal americana, que se tornou florescente após o colapso do comunismo soviético.

A crise global está a pôr a claro a falta de solidariedade entre os Estados-membros, que em vez de dominarem os mercados estão a ser dominados por eles. Daí ao regresso aos nacionalismos mais ou menos fascistoides e aos velhos conflitos europeus, vai um passo, a que Helmut Schmidt chamou a "queda no abismo". Ora, é isso que é fundamental e urgente evitar, para vencer a crise europeia.

Portugal foi o terceiro Estado a ser vítima dos mercados usurários, depois da Grécia e da Irlanda. Com a vinda da Troika e Portugal à beira da bancarrota, perdeu parte da sua soberania e tornou-se com o Governo de Coligação PSD/CDS-PP uma espécie de protectorado da Troika, embora

haja, aliás, posições político-sociais distintas, entre os Partidos da Coligação. Um Governo presidido por Passos Coelho e tendo como nº. 2, não o líder do Partido associado, Paulo Portas, mas antes o ministro das Finanças, Vítor Gaspar. Uma incongruência, como é a manutenção no Governo - com poderes especiais em tudo quanto sejam negócios - o ministro Miguel Relvas, falso doutor, e antigo sócio do Chefe do Governo. É fácil adivinhar onde isso vai dar...

Um ano e pouco depois de empossado, o Governo de Passos Coelho, nunca foi capaz de definir uma estratégia coerente, nem de se entenderem, entre si, os respectivos ministros. A paralisia dos Ministérios, com avanços e recuos, é a regra. Por outro lado, teve o mérito de pôr contra si, todos os sectores da sociedade portuguesa: das Forças Armadas às Policiais, das Igrejas às Universidades, dos Partidos, incluindo a maioria do próprio PSD, aos Sindicatos, das Autarquias (municípios e freguesias) às Fundações privadas e de interesse público, têm vindo a destruir a classe média, criando as maiores dificuldades aos próprios Bancos. Os desempregados têm crescido em flecha, bem como os pobres e o escol saído das Universidades - o melhor de sempre - sem emprego, que fogem para a emigração, como o Governo os aconselhou. Um desastre, como nunca antes acontecera, que, como tal, tem os dias contados. Depois de vendido o património a qualquer preço, como o ministro Relvas deseja e o primeiro-ministro Passos Coelho aceita...

A campanha contra os políticos, que vem de longe, tem sido um dos traços dominantes da ideologia neo-liberal: destruir o crédito dos políticos para fazer subir o crédito dos economistas, dos tecnocratas e dos gestores. Mas, em tempo de crise aguda, tudo caminha ao contrário do que se esperava e vai de mal a pior... O domínio do poder financeiro e económico sobre o poder político, ideal do neo-liberalismo, pela força da crise, não está a dar nenhum bom resultado. Bem pelo contrário, a austeridade faz-nos caminhar para o abismo.

Para vencer a crise precisamos de voltar a uma política de valores - e de princípios, como a solidariedade (e não de assistencialismo e caridade) - valorizando a responsabilização dos políticos, dando-lhe importância e prestígio, de modo a criar um Governo que dê confiança às pessoas, por ter rigor e valores éticos, dominando o negociismo, os juros altos injustificados e as exigências abusivas da Troika, sem sentido. Não é o Governo Passos Coelho que será capaz de fazer isso...

Quem paga, perguntar-se-á? Como sucedeu em vários Estados da América Latina: os Governos devedores, quando houver crescimento económico e emprego. Nunca antes. Chama-se a isto meter os mercados na ordem e não se deixar dominar pelos especuladores.

É aliás nesse sentido que tem de caminhar a zona euro da União Europeia, se quiser vencer a crise e avançar como uma grande potência colectiva: os Estados Unidos da Europa. Outra questão muito relevante é a lentidão da Justiça em Portugal e a incapacidade de julgar os corruptos, desde que sejam personalidades destacadas.

Lisboa, 29 de Dezembro de 2012